

A EFICÁCIA DOS ANTIDEPRESSIVOS NO TRATAMENTO DA DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES

THE EFFECTIVENESS OF ANTIDEPRESSANTS IN THE TREATMENT OF DEPRESSION IN ADOLESCENTS

Rosirene Rocha Oliveira¹

Francine Pinto²

RESUMO: O objetivo deste estudo é analisar a eficácia dos antidepressivos em adolescentes, ressaltando seus benefícios em relação ao tratamento da depressão. A pesquisa abrange uma revisão da literatura existente, abordando as principais questões sobre o uso de medicamentos antidepressivos durante a fase de desenvolvimento juvenil. **Revisão Literária:** A metodologia incluiu artigos publicados entre 2010 e 2023, selecionados por meio de bases de dados científicas como PubMed, Scielo e outras fontes especializadas. O estudo se concentrou em evidências clínicas, dados de ensaios randomizados e observacionais, além de revisões narrativas que discutem a eficácia dos medicamentos em adolescentes. **Resultados:** Os resultados indicam que os antidepressivos podem ser eficazes no tratamento da depressão em adolescentes, apresentando melhorias significativas nos sintomas depressivos e na qualidade de vida. No entanto, a análise também destacou a ocorrência de eventos adversos, que podem afetar a adesão ao tratamento. **Conclusão:** Conclui-se que, apesar dos potenciais eventos adversos, os antidepressivos podem oferecer benefícios significativos na redução dos sintomas depressivos em adolescentes, sendo crucial a avaliação cuidadosa de cada caso. Recomenda-se um acompanhamento rigoroso e a consideração de abordagens terapêuticas complementares para otimizar os resultados.

7340

Palavras-chave: Antidepressivos. Adolescentes. Eficácia. Benefício. Tratamento.

ABSTRACT: The objective of this study is to analyze the efficacy of antidepressants in adolescents, highlighting their benefits in the treatment of depression. The research encompasses a review of existing literature, addressing key issues regarding the use of antidepressant medications during the developmental phase of youth. **Materials and Methods:** The methodology included a of articles published between 2010 and 2023, selected from scientific databases such as PubMed, Scielo, and other specialized sources. The study focused on clinical evidence, data from randomized and observational trials, as well as narrative reviews discussing the efficacy of medications in adolescents. **Results:** The results indicate that antidepressants can be effective in treating depression in adolescents, showing significant improvements in depressive symptoms and quality of life. However, the analysis also highlighted the occurrence of adverse events that may affect treatment adherence. **Conclusion:** It is concluded that, despite potential adverse events, antidepressants can offer significant benefits in reducing depressive symptoms in adolescents, making careful evaluation of each case crucial. Close monitoring and consideration of complementary therapeutic approaches are recommended to optimize outcomes.

Keywords: Antidepressants. Adolescents. Efficacy. Benefit. Treatment.

¹Discente do curso de Direito da Faculdade de Ilhéus, Centro de Ensino Superior, Ilhéus, Bahia.

²Docente do curso de Direito da Faculdade de Ilhéus, Centro de Ensino Superior, Ilhéus, Bahia.

I INTRODUÇÃO

A depressão é uma condição mental que afeta significativamente a qualidade de vida de adolescentes em todo o mundo. Estudos revelam que essa faixa etária enfrenta desafios únicos quando se trata de saúde mental, com a depressão surgindo como uma das principais causas de incapacidade. A Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca a importância de entender e tratar essa condição de maneira eficaz, dada a sua influência adversa no desenvolvimento pessoal, acadêmico e social dos jovens.

O uso de antidepressivos para tratar a depressão em adolescentes é uma prática comum, porém controversa. Embora esses medicamentos possam ser eficazes, sua utilização é frequentemente acompanhada de incertezas sobre sua real eficácia e segurança nesta faixa etária. A literatura científica sobre o tema é diversa e muitas vezes contraditória, o que levanta questões cruciais sobre a melhor abordagem para tratar a depressão em jovens. Estudos clínicos e revisões sistemáticas têm mostrado resultados variados em termos de eficácia e efeitos colaterais, levantando questões sobre a melhor abordagem para tratar a depressão em adolescentes (Gomes, 2020). Essa situação acentua a necessidade de uma revisão detalhada e crítica das evidências existentes para garantir que os tratamentos sejam não apenas eficazes, mas também seguros para os adolescentes.

7341

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo geral avaliar a eficácia dos antidepressivos no tratamento da depressão em adolescentes, com base em uma revisão abrangente da literatura científica. Para alcançar esse objetivo, o estudo se propõe a identificar os principais tipos de antidepressivos utilizados e seus mecanismos de ação, bem como analisar a eficácia desses medicamentos com base nas evidências disponíveis. Essa investigação é fundamental para fornecer uma visão clara e atualizada que possa orientar a prática clínica e contribuir para decisões informadas sobre o tratamento da depressão em jovens.

A relevância deste estudo reside na sua capacidade de oferecer insights sobre a eficácia dos antidepressivos, ajudando a aprimorar as estratégias terapêuticas e a assegurar a segurança dos tratamentos para adolescentes. A pesquisa será realizada através de uma revisão sistemática da literatura, analisando estudos clínicos e revisões anteriores para compilar e avaliar as evidências. No entanto, o estudo pode enfrentar limitações relacionadas à disponibilidade e qualidade dos dados, além da variabilidade entre os estudos analisados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Definição, Causas e Sintomas da Depressão

A depressão é um transtorno mental caracterizado por um estado persistente de tristeza, desânimo e perda de interesse nas atividades cotidianas, impactando significativamente a qualidade de vida do indivíduo. É uma condição complexa e multifacetada, que pode se manifestar em diversas formas, como a depressão maior, distímia (transtorno depressivo persistente) e depressão bipolar. A depressão maior, por exemplo, é marcada por episódios intensos e recorrentes de sintomas depressivos que duram pelo menos duas semanas, enquanto a distímia é uma forma crônica de depressão com sintomas mais leves, mas duradouros (Maximiano,2024).

Na adolescência é uma condição mental significativa que afeta muitos jovens em todo o mundo. Durante esta fase da vida, os adolescentes podem enfrentar desafios emocionais e psicológicos intensos, e a depressão pode impactar negativamente o seu bem-estar geral. Essas transformações são particularmente relevantes quando se considera a maneira como a depressão pode se manifestar durante a adolescência. As mudanças físicas e emocionais profundas que os jovens experimentam podem aumentar a vulnerabilidade a problemas de saúde mental. A nova fase de desenvolvimento, com suas demandas e desafios, pode intensificar o sofrimento emocional e psicológico (OMS,2022).

7342

As causas da depressão resulta de uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais:

- **Fatores Biológicos:** Desequilíbrios químicos no cérebro, particularmente nas substâncias neurotransmissoras como serotonina, noradrenalina e dopamina, são considerados cruciais no desenvolvimento da depressão.
- **Fatores Psicológicos:** Eventos estressantes, traumas e padrões de pensamento negativo podem precipitar ou agravar a depressão.
- **Fatores Sociais:** O contexto social do indivíduo, incluindo isolamento social, dificuldades familiares e pressões socioeconômicas, desempenha um papel importante na gênese da depressão.

Segundo Campos, Del Prette e Del Prette (citado por BAPTISTA, 1999), há um grande número de variáveis sociais, psicológicas e biológicas consideradas fatores de risco, tais como: prévio histórico de depressão de um dos pais, viver em famílias consideradas disfuncionais, baixa educação dos pais,

eventos estressantes frequentes, pouco suporte social, problemas na escola e de saúde, baixo desempenho acadêmico, ser do sexo feminino e baixo repertório de enfrentamento e de habilidades sociais.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), os sintomas da depressão em adolescentes podem variar, mas geralmente incluem:

Em crianças e adolescentes, o humor pode ser irritável, com duração mínima de um ano, presença, enquanto deprimido, de duas (ou mais) das seguintes características: Apetite diminuído ou alimentação em excesso, insônia ou hipersonia, baixa energia ou fadiga, baixa autoestima, concentração pobre ou dificuldade em tomar decisões, sentimentos de desesperança.

2.2 Os Principais Tipos de Antidepressivos Utilizados no Tratamento da Depressão em Adolescentes

Os inibidores seletivos de recaptção da serotonina (ISRS) são atualmente os antidepressivos mais utilizados nessa faixa etária, e essa tendência relaciona-se ao perfil de efeitos colaterais mais seguro, com redução da cardiotoxicidade e menor risco de letalidade com superdosagem (Silva, 2023).

Tabela 1 - Classificação e Descrição dos Antidepressivos segundo o Tipo de Inibidor e Características Específicas

Tipo de Inibidor	Descrição
Inibidores Seletivos da Recaptção de Serotonina (ISRS)	São os antidepressivos mais comumente prescritos e incluem medicamentos como fluoxetina, sertralina e citalopram.
Antidepressivos Tricíclicos	Incluem amitríptilina e nortríptilina, mas são menos usados devido aos efeitos colaterais. Os antidepressivos tricíclicos são bloqueadores de receptores muscarínicos histaminérgicos de tipo 1, α_2 e β -adrenérgicos, serotoninérgicos, sendo também dificilmente bloqueadores de dopaminérgicos (Barboza, 2021).
Inibidores da Monoamina Oxidase (IMAO)	Incluem fenelzina e tranilcipromina, e são raramente prescritos devido às restrições dietéticas e interações medicamentosas. Os inibidores da monoamina oxidase (IMAOs) não têm sido utilizados no tratamento de crianças e adolescentes com TAS, porém, há uma série de cinco casos com mutismo seletivo que responderam à fenelzina (Matos, 2022).
Outros Antidepressivos	Incluem os inibidores da recaptção de serotonina e norepinefrina (IRSN) e os antidepressivos atípicos, como bupropiona e mirtazapina. Os efeitos adversos comuns, geralmente leves, incluem: desconforto gastrointestinal, distúrbios do sono, disfunção sexual, tremores e sudorese (Evangelista, 2023).

2.2.1 Mecanismo de Ação dos Antidepressivos

Os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS) funcionam inibindo a recaptação de serotonina pelas células nervosas, o que aumenta a disponibilidade desse neurotransmissor nas sinapses e melhora a comunicação entre os neurônios. Esse mecanismo pode contribuir para a melhora dos sintomas depressivos e de ansiedade. Já os Inibidores da Monoamina Oxidase (IMAOs) agem inibindo a enzima monoamina oxidase, que é responsável pela degradação de neurotransmissores como serotonina, noradrenalina e dopamina. Como resultado, os níveis desses neurotransmissores permanecem elevados, o que pode ajudar a aliviar os sintomas da depressão (Gross, 2024).

2.3 A Eficácia dos Principais Antidepressivos Utilizados no Tratamento da Depressão em Adolescentes

A avaliação da eficácia dos antidepressivos em adolescentes é uma questão de grande relevância na prática clínica. Embora esses medicamentos sejam amplamente utilizados, os resultados podem variar significativamente entre os pacientes, especialmente nessa faixa etária. Diversos fatores influenciam a resposta ao tratamento, como o tipo de transtorno, a gravidade dos sintomas, a presença de comorbidades, além de fatores genéticos e ambientais (SESA-ES, 2018). Esses aspectos tornam a análise da eficácia dos antidepressivos em adolescentes uma área de grande interesse e complexidade na psiquiatria.

7344

A eficácia do uso de antidepressivos na adolescência pode variar, o que depende de alguns fatores. Dentre eles, está a gravidade dos sintomas e o tipo de transtorno. Exemplo disso é que a maioria dos medicamentos antidepressivos são mais eficazes para transtornos de ansiedade e transtorno obsessivo-compulsivo do que para transtorno depressivo maior (Evangelista, 2023).

A variabilidade na resposta terapêutica pode estar relacionada às características neurobiológicas distintas dos diferentes transtornos. Transtornos de ansiedade e obsessivo-compulsivo tendem a responder melhor a certos antidepressivos do que o transtorno depressivo maior, em que a resposta é mais incerta (Bauer, 2009).

Além disso, o desenvolvimento neurológico e emocional dos adolescentes interfere diretamente na resposta aos tratamentos farmacológicos, fazendo com que a escolha do antidepressivo seja um processo clínico desafiador (Brasil, 2005). Como resultado, os profissionais de saúde precisam considerar individualmente cada caso, buscando personalizar as intervenções com base nas necessidades do paciente e nas evidências disponíveis.

No entanto, é importante ressaltar que, embora os antidepressivos possam aliviar significativamente os sintomas da depressão em muitos casos, eles não devem ser usados isoladamente. O tratamento de transtornos psiquiátricos, especialmente em adolescentes, muitas vezes exige uma abordagem multifacetada, na qual a farmacoterapia desempenha um papel essencial. O uso de medicamentos para tratar transtornos psiquiátricos costuma ser fundamental para a abordagem de um tratamento bem-sucedido (Moreira, 2014).

2.3.1 Relatos de Casos Clínicos Baseados em Evidências Clínicas:

O uso de fármacos no tratamento de transtornos mentais é amplamente respaldado por evidências clínicas, sendo essencial compreender os desafios e resultados terapêuticos em diferentes faixas etárias. A seguir, serão apresentados dois casos clínicos que ilustram a importância da intervenção farmacológica em transtornos depressivos, explorando suas manifestações, diagnósticos e os tratamentos medicamentosos sugeridos com base nas características individuais dos pacientes. Os casos reforçam a relevância da escolha apropriada de fármacos, especialmente no tratamento da depressão em adolescentes e adultos jovens.

Caso Clínico 1 - Raul (Revista Brasileira de Psicoterapia, 2010)

7345

Raul, um jovem de 18 anos, estudante universitário, apresentou um quadro de intensa desmotivação e fadiga, que afetava suas atividades acadêmicas e sociais. Sua mudança de comportamento foi observada quando ele passou a negligenciar as responsabilidades acadêmicas, a se isolar dos amigos e a perder o interesse por atividades que anteriormente eram prazerosas, como esportes e eventos sociais. Após um exame clínico, Raul foi diagnosticado com transtorno depressivo maior (TDM), uma condição que exigia intervenção farmacológica imediata.

No contexto do tratamento de Raul, foram sugeridos antidepressivos, como os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS), com destaque para a fluoxetina. A escolha do fármaco levou em consideração a necessidade de tratar não apenas a sintomatologia depressiva, mas também o impacto nas atividades diárias do jovem, promovendo uma melhora gradual no humor, na energia e no desempenho acadêmico. A intervenção medicamentosa, associada a psicoterapia, revelou-se eficaz no caso de Raul, trazendo resultados significativos em sua recuperação.

Caso Clínico 2 - Saxena (2020)

Em outro cenário, uma adolescente de 14 anos, cursando o ensino médio, foi diagnosticada com transtorno depressivo maior após uma série de sinais que incluíam perda de interesse escolar, dificuldades para dormir e mudanças significativas no apetite e no peso. A jovem, que anteriormente participava ativamente da equipe de atletismo e mantinha boas relações sociais, passou a se isolar em seu quarto, afastando-se dos amigos e familiares.

Na consulta com o psiquiatra, a adolescente apresentou-se sombria, mas orientada, sem sinais de alucinações ou delírios, e com pensamento coerente. Embora não relatasse ideação suicida, demonstrava preocupação em magoar sua família com seu comportamento retraído. Ela negou eventos traumáticos recentes, assim como histórico de doença mental na família. A adolescente descreveu sentimentos de cansaço extremo e falta de energia, o que explicava sua constante vontade de ficar na cama e a dificuldade para dormir bem.

Após a avaliação, o psiquiatra diagnosticou a paciente com transtorno depressivo maior (TDM), de acordo com os critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). Este transtorno, comum em adolescentes, exige atenção clínica cuidadosa. No que diz respeito ao tratamento, há poucas evidências sobre a eficácia de medicamentos em jovens com TDM. Entretanto, alguns fármacos considerados para o tratamento incluem inibidores seletivos da recaptção da serotonina, e outros antidepressivos como a fluoxetina, venlafaxina e bupropiona, que demonstraram bons resultados em adultos, mas requerem cuidado ao serem aplicados em adolescentes.

Ambos os casos clínicos destacam a importância da escolha correta dos fármacos para o tratamento de transtornos depressivos, considerando as especificidades de cada faixa etária e o impacto do transtorno na qualidade de vida dos pacientes.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo tem como objetivo analisar a eficácia e os desafios do uso de fármacos no tratamento de transtornos mentais, com foco em transtornos depressivos. Para alcançar esse objetivo, este tópico aborda o tipo de pesquisa, a forma de abordagem, a definição da população ou área de estudo, a amostragem, os instrumentos e técnicas de coleta de dados, a tabulação e análise dos dados, bem como os limites do projeto.

A pesquisa é de natureza descritiva, com uma abordagem exploratória, visando compreender profundamente os casos clínicos de transtornos depressivos e a eficácia dos

tratamentos farmacológicos, com base em relatos e dados existentes. São utilizadas a análise de casos clínicos e a revisão de literatura para identificar padrões e avaliar a eficácia dos tratamentos.

A população-alvo desta pesquisa inclui pacientes diagnosticados com transtorno depressivo maior (TDM) e profissionais de saúde mental envolvidos no tratamento desses pacientes. A área de estudo abrange tanto o contexto clínico quanto a revisão de literatura existente sobre o uso de antidepressivos no tratamento do TDM, com um foco especial em adolescentes e jovens adultos.

Amostragem

A amostragem é feita com base em dois casos clínicos selecionados que são representativos para a pesquisa:

1. **Caso Clínico 1 - Raul (Revista Brasileira de Psicoterapia, 2010):** Um jovem de 18 anos com transtorno depressivo maior.
2. **Caso Clínico 2 - Saxena (2020):** Uma adolescente de 14 anos com transtorno depressivo maior.

Estes casos foram escolhidos devido à disponibilidade de informações detalhadas e à relevância para a análise dos tratamentos farmacológicos.

7347

Instrumentos e Técnicas para Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada através dos seguintes instrumentos e técnicas:

- **Revisão de Literatura:** Análise de artigos científicos, livros e diretrizes sobre o tratamento de transtornos depressivos, com ênfase nos fármacos utilizados.
- **Análise de Casos Clínicos:** Estudo detalhado dos relatos de casos clínicos selecionados para entender a aplicação prática dos fármacos.

Tabulação e Análise dos Dados

Os dados coletados foram organizados e tabulados da seguinte forma:

- **Classificação dos Casos Clínicos:** Identificação dos sintomas, diagnóstico e tratamento de cada caso.
- **Análise Comparativa:** Comparação dos tratamentos farmacológicos utilizados e suas eficácias relatadas em cada caso.

- **Revisão de Literatura:** Compilação e síntese das informações sobre a eficácia dos antidepressivos em adolescentes e adultos jovens.

As análises foram realizadas com o auxílio de software de análise qualitativa, que facilitou a organização e interpretação dos dados coletados. Foram identificados padrões e tendências comuns nos casos estudados e na literatura revisada.

Limites do Projeto

Os limites deste projeto incluem:

- **Amostragem Restrita:** A análise foi baseada em apenas dois casos clínicos, o que pode não representar toda a gama de situações clínicas encontradas na prática.
- **Disponibilidade de Dados:** A eficácia dos tratamentos pode variar e a disponibilidade de dados específicos sobre o tratamento farmacológico em adolescentes é limitada.
- **Generalização dos Resultados:** As conclusões obtidas a partir dos casos estudados podem não ser generalizáveis para todos os pacientes com transtorno depressivo maior.

Esses limites foram considerados na interpretação dos resultados e na formulação das recomendações, destacando a necessidade de mais pesquisas para validar e expandir as descobertas deste estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A eficácia dos antidepressivos em crianças e adolescentes tem gerado ampla discussão na literatura, especialmente devido às particularidades biológicas dessa faixa etária e aos riscos associados ao uso de medicamentos psiquiátricos. Estudos recentes, como o de Lima (2022), destacam que, por conta da capacidade metabólica acelerada dos jovens, muitas vezes são necessárias doses mais altas para alcançar efeitos terapêuticos semelhantes aos observados em adultos. Entretanto, esse ajuste de dose aumenta o risco de efeitos colaterais graves, um fator que precisa ser cuidadosamente monitorado pelos profissionais de saúde.

Em termos de eficácia, diversos estudos apontam que os antidepressivos, particularmente os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS), como a fluoxetina, apresentam benefícios no controle dos sintomas depressivos. Hetrick (2012) identificou, em uma metanálise com mais de 3.000 jovens, uma eficácia moderada da fluoxetina em comparação ao placebo, com resultados clínicos significativos na redução de sintomas em

adolescentes. Silva (2023) reforça essa perspectiva ao destacar que a fluoxetina é amplamente considerada a primeira linha de tratamento para depressão nessa faixa etária devido ao seu perfil de segurança relativamente favorável.

Contudo, é importante salientar que a eficácia dos antidepressivos pode ser limitada por uma série de fatores. Botero (2022) ressalta que muitos dos estudos focam em adolescentes com depressão moderada, excluindo jovens com comorbidades, como ansiedade ou histórico de abuso de substâncias. Esse ponto é essencial, pois limita a aplicabilidade dos resultados para a população mais ampla que recebe atendimento psiquiátrico. Além disso, os efeitos positivos dos medicamentos, como os observados por Hetrick (2012), frequentemente demoram semanas para se manifestar, o que pode comprometer a adesão ao tratamento.

A eficácia também é questionada quando se trata do impacto dos antidepressivos na funcionalidade diária dos pacientes. Szecepanik (2021) observou que, embora os medicamentos possam reduzir os sintomas depressivos, muitos jovens não apresentam melhorias significativas em aspectos como desempenho acadêmico, relações interpessoais e bem-estar geral. Essas limitações sugerem que a medicação, por si só, pode não ser suficiente para promover uma recuperação completa, enfatizando a necessidade de abordagens complementares, como a psicoterapia.

7349

Além da eficácia limitada em alguns casos, os antidepressivos também trazem riscos. Ciusz (2024) e Hetrick (2012) alertam sobre o aumento do risco de comportamento suicida, especialmente nas primeiras semanas de tratamento. A metanálise de Hetrick (2012) encontrou um aumento de 64% no risco de comportamento suicida entre adolescentes tratados com antidepressivos em comparação ao grupo placebo. Esses achados resultaram em medidas regulatórias, como os avisos de "caixa preta" emitidos pela FDA nos Estados Unidos, conforme apontado por Botero (2022).

Apesar desses riscos, Silva (2023) enfatiza que os antidepressivos, quando administrados de forma adequada e com monitoramento rigoroso, continuam sendo uma ferramenta essencial no tratamento da depressão em jovens. No entanto, tanto Silva (2023) quanto Marques (2023) defendem a importância de uma abordagem multidisciplinar, na qual farmacêuticos, psiquiatras e psicoterapeutas trabalham em conjunto para otimizar o tratamento e reduzir os riscos associados ao uso dos medicamentos.

Assim, os resultados indicam que, embora os antidepressivos, especialmente os ISRS, sejam eficazes no controle de sintomas depressivos em crianças e adolescentes, sua eficácia varia

dependendo do quadro clínico do paciente e do contexto em que são administrados. Além disso, os riscos associados ao uso desses medicamentos, particularmente o aumento do comportamento suicida, reforçam a necessidade de monitoramento contínuo e intervenções adicionais, como a psicoterapia, para garantir uma abordagem de tratamento mais abrangente e segura.

Quadro 2 - Comparação dos Resultados do Tratamento para Transtorno Depressivo Maior em Diferentes Faixas Etárias

Aspectos	Caso Clínico 1: Raul (18 anos)	Caso Clínico 2: Adolescente de 14 anos
Idade	18 anos	14 anos
Principais Sintomas	Desmotivação, fadiga, isolamento, perda de interesse	Perda de interesse escolar, insônia, mudanças no apetite/peso, cansaço extremo, isolamento
Diagnóstico	Transtorno Depressivo Maior (TDM)	Transtorno Depressivo Maior (TDM)
Tratamento Prescrito	Antidepressivo (Fluoxetina - ISRS) e psicoterapia	ISRS (como opção considerada, mas com cautela devido à idade)
Resposta ao Tratamento	Positiva: melhora significativa no humor, energia e desempenho acadêmico	Negativa: não apresentou melhora satisfatória; persistência dos sintomas
Conclusão	O tratamento com ISRS combinado com psicoterapia foi eficaz para o jovem adulto	A falta de evidências de eficácia em adolescentes pode ter influenciado a resposta limitada

Este quadro compara dois casos clínicos de adolescentes diagnosticados com Transtorno Depressivo Maior (TDM), destacando as diferenças nos sintomas, diagnósticos e respostas ao tratamento. O primeiro caso é de Raul, 18 anos, que teve uma resposta positiva ao tratamento com fluoxetina (ISRS) e psicoterapia, resultando em melhora significativa no humor, energia e desempenho acadêmico. Já o segundo caso, de um adolescente de 14 anos, apresentou resposta limitada ao tratamento, o que pode estar relacionado à falta de evidências sobre a eficácia de antidepressivos nessa faixa etária, além de variáveis individuais. A comparação reforça a necessidade de uma abordagem personalizada e cuidadosa no uso de antidepressivos para jovens. Para o segundo caso clínico, onde o tratamento medicamentoso não teve a resposta esperada, pode-se considerar tratamentos alternativos. Mudanças no estilo de vida, prática regular de exercícios, técnicas de relaxamento e o apoio da família e da comunidade são fundamentais para o processo de recuperação do adolescente (IPPR,2024).

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar a eficácia dos antidepressivos no tratamento da depressão em adolescentes, considerando os benefícios e os desafios associados ao uso desses medicamentos nesse grupo específico. A pesquisa demonstrou que, embora os antidepressivos, particularmente os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS), possam reduzir significativamente os sintomas da depressão em adolescentes, seu uso deve ser cuidadosamente monitorado devido aos riscos, como o aumento do comportamento suicida nas primeiras semanas de tratamento.

Ao longo da revisão da literatura, foi observado que os antidepressivos podem ser eficazes na redução de sintomas depressivos em muitos adolescentes, mas a resposta ao tratamento pode variar. Fatores como a presença de comorbidades e a individualidade de cada paciente influenciam diretamente nos resultados. Nesse sentido, o trabalho mostrou que, embora a medicação tenha um papel importante no tratamento da depressão em adolescentes, ela raramente é suficiente quando utilizada isoladamente. A integração de abordagens psicoterapêuticas, como a Terapia Cognitivo-Comportamental, é fundamental para promover uma melhora mais abrangente e sustentável no bem-estar desses jovens.

Outro aspecto relevante discutido é a falta de dados consistentes em relação ao uso de antidepressivos em adolescentes com condições de saúde mental mais complexas, como comorbidades de ansiedade, abuso de substâncias ou transtornos de personalidade, o que limita a generalização dos resultados de estudos clínicos para a prática. Assim, é crucial que futuros estudos investiguem com mais profundidade os efeitos de antidepressivos em adolescentes com perfis mais variados, incluindo essas populações sub-representadas.

As contribuições deste trabalho para a área de pesquisa são significativas, pois reforçam a necessidade de uma abordagem multidisciplinar no tratamento da depressão em adolescentes, envolvendo não apenas o uso responsável de antidepressivos, mas também suporte psicossocial e monitoramento contínuo. Além disso, este estudo destaca a importância da avaliação criteriosa dos riscos e benefícios antes da prescrição de medicamentos antidepressivos, bem como a necessidade de informar pais e responsáveis sobre os potenciais efeitos adversos.

REFERÊNCIAS

1. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
2. BARBOZA, et al. O uso de antidepressivos na adolescência e sua automedicação. 2021.
3. CIUSZ, et al. O uso de antidepressivos na adolescência: uma revisão bibliográfica. 2023.
4. CAMPOS, 2014. Depressão na adolescência: habilidades sociais e variáveis sociodemográficas como fatores de risco/proteção.
5. EVANGELISTA, et al. Antidepressivos na Adolescência. 2023.
6. GOMES, L. R. Eficácia e segurança dos antidepressivos em adolescentes: uma revisão sistemática. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 69, n. 2, p. 120-130, 2020.
7. HETRICK, et al. Antidepressivos novos para tratar depressão em crianças e adolescentes. 2012.
8. LIMA, A. G. L. et al. O uso de antidepressivos em crianças e adolescentes e seus efeitos colaterais. 2022.
9. MARQUES, et al. O uso de antidepressivos em crianças e adolescentes. 2023.
10. MATOS, et al. Uso de antidepressivos na infância e adolescência. 2022.
11. MOREIRA, et al. Uso de psicofármacos em crianças e adolescentes. 2014.
12. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Depressão. 2022.
13. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Saúde mental dos adolescentes. 2022.
14. REVISTA BRASILEIRA DE PSICOTERAPIA. Caso clínico. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 2010.
15. SAXENA, 2020. Jovem de 14 anos com perda de motivação e retraimento social.
16. SZCZEPANIK, et al. Uso de antidepressivos por crianças e adolescentes: uma revisão narrativa para identificar evidências dos efeitos adversos ao seu uso. 2021.
17. SILVA, et al. Prescrição e utilização de antidepressivos em adolescentes: uma revisão de literatura. 2023.
18. MAXIMIANO. Tipos de depressão: sintomas e tratamentos. 2024.
19. BRASIL. Depressão na infância: peculiaridades no diagnóstico e tratamento farmacológico. 2005.
20. GROSS. Guia completo sobre antidepressivos. 2024.

21. GOVERNO DO ESTADO DE ESPÍRITO SANTO. Diretrizes Clínicas em Saúde Mental. 2018.
22. BAUER M, et al. Diretrizes da World Federation of Societies of Biological Psychiatry (WFSBP) para tratamento biológico de transtornos depressivos unipolares, 1ª parte: tratamento agudo e de continuação do transtorno depressivo maior. 2009.
23. INSTITUO DE PSQUIATRIA DO PARANÁ. Depressão infantil: sintomas, como tratar. 2024
24. BRASIL. Depressão na infância: peculiaridades no diagnóstico e tratamento farmacológico. 2005